

## Salvador e suas frentes de água: O TFG como proposição crítica

*Salvador and their waterfront's:  
Final Graduation Works as acritical proposition*

*Salvador y sus frentes de agua:  
El proyecto final de graduación como una propuesta crítica*

SANTOS NETO, Edson Fernandes D'Oliveira

*Arquiteto e urbanista, Mestre e Doutorando em Arquitetura e Urbanismo, Professor Assistente da  
Universidade Federal da Bahia*

MOTTA, Augusto Carvalho Simões de Oliveira

*Arquiteto e urbanista pela Universidade Federal da Bahia*

FREIRE, Raquel Neimann da Cunha

*Arquiteta e urbanista, Mestranda em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos  
pela Universidade Federal da Bahia*

### RESUMO

Este artigo apresenta dois Trabalhos Finais de Graduação (TFG), desenvolvidos simultaneamente, que apresentam alternativas para o tamponamento dos rios urbanos de Salvador e para a privatização da Baía de Todos os Santos. O primeiro deles ocupa quatro quilômetros do Rio Camaragibe, da foz, no Oceano Atlântico, até o centro de negócios da capital baiana. O segundo deles se desenvolve às margens da Baía de Todos os Santos, ao longo dos pouco mais de dois quilômetros que separam o Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM) e a Vila Brandão - uma ocupação que sobrevive há décadas em um dos bairros mais valorizados da cidade. Os dois TFGs compartilham de um mesmo mote: o resgate para a população de bordas aquáticas inacessíveis e/ou degradadas, através da recuperação ambiental e da criação de parques lineares. Entretanto, se diferenciam pelas abordagens metodológicas distintas. Os dois projetos que ora apresentamos, finalistas do principal prêmio nacional de Trabalhos Finais de Graduação do Brasil, demonstram o potencial transformador do ensino de projeto. Ainda que incapaz de transformar materialmente a realidade, posto que trabalho acadêmico, é capaz de demonstrar que determinados paradigmas podem – e devem – ser questionados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Salvador; TFG; frentes de água; parque linear.

### ABSTRACT

*This article presents two Undergraduate Final Projects which present alternatives for the covering urban rivers of Salvador and for the privatization of the Baía de Todos os Santos. The first occupies four kilometers from Rio Camaragibe, the mouth on the Atlantic Ocean, to the business center of Salvador. The second one is developed on the shores of the Baía de Todos os Santos, over the two kilometers separating the Modern Art Museum of Bahia (MAM) and Vila Brandão - a small community that remains for decades in the most valued neighborhood in town. The two works share a common theme: the rescue for the people of inaccessible and / or degraded water edges, through environmental restoration and creation of linear parks. The two projects that we present were finalists of the final works graduation Brazil awards, demonstrate the transformative potential project teaching. Although unable to materially transform reality, since academic work, is able to demonstrate that certain paradigms can - and should - be questioned.*

**KEY-WORDS:** Salvador; waterfronts; linear park



# PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

## RESUMEN

*Este artículo presenta dos proyectos finales de grado que presentan alternativas para el entubamiento de ríos urbanos de Salvador y de la privatización de la Bahía de Todos os Santos. El primero ocupa a cuatro kilómetros de Río Camaragibe, desde la desembocadura en el Océano Atlántico al centro de negocios de Salvador. El segundo se desarrolla en las orillas de la Bahía de Todos os Santos, desde el Museo de Arte Moderna da Bahia (MAM) - una de las principales instalaciones culturales del Estado, concebido y diseñado por Lina Bo Bardi - y Vila Brandão - una ocupación que ha sobrevivido durante décadas en uno de los barrios más exclusivos de la ciudad. Los dos trabajos comparten un tema común: el rescate para la ciudad de los bordes de agua inaccesibles y / o degradadas, a través de la restauración ambiental y la creación de parques lineales. Los dos proyectos que presentamos son finalistas del principal premio nacional de trabajos de graduación en Brasil y demuestran lo potencial transformador de la enseñanza de proyecto. Aunque incapaces de transformar sustancialmente la realidad, ya que son trabajos académicos, son capaces de demostrar que ciertos paradigmas pueden - y deben - ser interrogados.*

**PALABRAS-CLAVE:** Salvador; frentes de agua; parque lineal.

## 1 INTRODUÇÃO

As cidades e seus rios são, ainda hoje, muitas vezes indissociáveis: Paris e o Sena, Lisboa e o Tejo, Buenos Aires e o Rio da Prata, Recife e os rios Capibaribe e Beberibe... O rio que permite o surgimento do assentamento urbano também pode ameaçá-lo: basta lembrar das inundações, como a que ocorreu em Florença, em 1966, ou a de São Luiz do Paraitinga, em São Paulo, em 2010.

Com o advento da industrialização, o crescimento urbano desenfreado associado à ausência de planejamento, provocou a destruição dos rios urbanos. Somente com o surgimento dos primeiros movimentos e conferências mundiais sobre meio ambiente a partir de 1960, e com o início da discussão sobre a importância dos rios urbanos seja como paisagem urbana, seja como recurso hídrico, a partir da década de 1980 ambientalistas, arquitetos e outros profissionais atuantes na área do planejamento urbano e projeto da paisagem passaram a desenvolver métodos e estratégias para intervir nesses espaços, a fim de melhorar a relação entre rio e cidade (GORSKI, 2010). Essa nova abordagem do tema gera um movimento, que tem início na década de 1990, principalmente em cidades de países desenvolvidos, no sentido de elaborar planos de tratamento e integração de sistemas e corredores fluviais com o meio urbano no qual estão inseridos.

Paradigmáticas são as experiências de recuperação de sistemas fluviais realizadas na capital da Coreia do Sul, Seul. Desde então, o rio Han, cuja recuperação foi realizada em 2003, e, dois anos depois, a demolição do viaduto que cobria o rio Cheonggyecheon, que teve suas águas tratadas e passou a abrigar em suas margens um parque linear de quase seis quilômetros de extensão. Na Europa, processos semelhantes ocorreram, como no rio Tâmsa que, após ser considerado o mais sujo do

continente no século XIX, ao longo de um século e meio passou por investimentos na despoluição das suas águas e hoje serve como rota de passeios turísticos de barco.

Na contramão deste processo de revitalização de rios urbanos, Salvador, durante as duas gestões do Prefeito João Henrique Barradas Carneiro (2005-2013), tamponou parte significativa de seu microsistema fluvial. Visando esconder a poluição que os atinge, a Prefeitura de Salvador negou à população o contato com os rios, consolidando-os como verdadeiros canais de esgoto - só que agora não mais a céu aberto. Assim, o rio dos Seixos, elemento central do visionário projeto da primeira avenida de vale de Salvador – a Avenida Centenário –, foi o primeiro a ser tamponado em 2008, sendo seguido pelo rio Lucaia, ao longo da Avenida Vasco da Gama, e pelo rio das Pedras, no Imbuí.

Salvador sempre esteve mais vinculada ao mar do que aos seus rios e ainda hoje, a cidade tem uma forte relação com o mar. Essa relação é religiosa, como na Festa de Iemanjá ou na Procissão do Bom Jesus dos Navegantes, imortalizadas por Dorival Caymmi; é também gastronômica, vindo das suas águas a base da culinária baiana; e é igualmente de lazer, com suas praias – espaço democrático onde não existe controle ou restrição de acesso em função da classe social, permitindo o convívio com o dessemelhante, que é, na sua essência, a função do espaço público urbano. Inegavelmente, as águas que banham a península soteropolitana são parte importante da identidade da cidade.

O Corredor da Vitória é um dos espaços mais exclusivos de Salvador. Ali, a cumeada da falha geológica na qual a *Cidade Alta* foi implantada, desce de forma abrupta em uma falésia, mergulhando na Baía de Todos os Santos, sem deixar espaço para praia nem *Cidade Baixa*. No topo da falésia, a 60 metros do mar, foram erguidas, desde meados do século XX, as mais altas e caras torres de apartamentos da cidade, muitas vezes com mais de trinta pavimentos e a poucos metros de distância umas das outras destruindo a singularidade de Salvador e gerando o que Jorge Amado (1992, p. 46) definiu como “selva de agressivas torres de cimento armado, paisagem igual a qualquer outra pelo mundo desolado dos arranha-céus, mesquinha e feia”.

Para tornar os empreendimentos do Corredor da Vitória ainda mais valorizados, boa parte deles inclui píeres exclusivos acessados através de planos inclinados ou elevadores privativos, não obstante os atracadouros – muitas vezes associados a espaços de lazer e apoio – estejam construídos em área de marinha, pertencente ao Patrimônio da União, e os planos inclinados e elevadores tenham sido erguidos em áreas não edificantes.

Se o tamponamento dos rios urbanos de Salvador representa a negação da sua potencialidade e do reconhecimento do seu valor ambiental, a ocupação do Corredor da Vitória significa a privatização da vista e do acesso ao mar.

Este artigo apresenta dois Trabalhos Finais de Graduação desenvolvidos simultaneamente e que se contrapõem a essa situação, apresentando alternativas para o tamponamento dos rios urbanos de Salvador e para a privatização da Baía de Todos os Santos.

Os dois projetos que apresentamos foram classificados entre os finalistas do 24º Concurso Opera Prima (2014) - principal premiação nacional de Trabalhos Finais de Graduação de Arquitetura e Urbanismo, promovido pela revista ProjetoDesign - e demonstram o potencial transformador do ensino de projeto. Ainda que incapaz de transformar materialmente a realidade - posto que trabalho acadêmico - é capaz de demonstrar que determinados paradigmas podem - e devem - ser questionados.

## 2 PARQUE LINEAR DO CAMARAGIBE

O projeto do Parque Linear do Camaragibe ocupa quatro quilômetros das margens do rio, desde foz, no Oceano Atlântico, até o centro de negócios da cidade, na região do Iguatemi e Av. Tancredo Neves. Formado por zonas heterogêneas, o percurso do curso d'água foi marcado por pequenas torres vermelhas que funcionam como mirantes e articulam áreas de permanência, pontes que conectam as duas margens do rio e outros equipamentos. Estes cilindros se constituem, assim, em marcos paisagísticos, e sua forma contrasta deliberadamente com os edifícios ortogonais do entorno. Mesmo com o traçado sinuoso do rio, a leitura da sua continuidade em um contexto urbano adensado e complexo é garantida pelas oito torres-mirantes cilíndricas e vermelhas distribuídas ao longo dos seus quatro quilômetros.

Esta região é hoje uma das zonas mais problemáticas da cidade de Salvador, sofrendo tanto com a convergência de fluxo viário que satura suas já congestionadas avenidas, como com a pressão que o mercado imobiliário exerce sobre seus terrenos e vazios urbanos. Por esse emaranhado de vias que privilegiam o trânsito de veículos motores, o rio Camaragibe (Figura 1) força seu traçado sinuoso, rasgando o tecido urbano desde São Caetano da Boa Vista, passando pelo Acesso Norte e Iguatemi, e finalmente desaguando na orla do bairro Costa Azul. É um dos maiores da cidade, tendo sido um dos principais mananciais de abastecimento de água até a década de 1970, quando o último dos seus

diques foi fechado por ter se transformado em uma imensa bacia de esgotos. Por seu percurso, suas águas somem e reaparecem em meio às frestas dos prédios ou vistas das pontes que as cruzam. Sem um olhar mais apurado, o transeunte não se dá conta de que o rio que se mostra em fragmentos no meio da confusão paisagística dos arredores do Iguatemi é o mesmo rio que aparece todo visível nas proximidades do Parque Costa Azul, próximo ao mar. É fácil supor que numa região como esta, com tantos conflitos de fluxos, com pessoas caminhando espremidas entre si, confinadas em calçadas estreitas, entre muros e vias de alta velocidade, o rio Camaragibe ocupe espaço privilegiado, se mostrando como boa alternativa de deslocamento na região. Porém, seu potencial conectivo e paisagístico acaba sendo negligenciado devido a seu estado de deterioração, poluição e abandono.

É sabido que, na contramão de cidades que reconhecem na revitalização de rios urbanos um potencial acréscimo na qualidade de vida da população através da implantação de parques públicos, Salvador vive um processo de tamponamento de seu microssistema fluvial, sem preocupação com a despoluição de suas águas.

Figura 1: Traçado do Rio Camaragibe desde o Acesso Norte até a foz no Parque Costa Azul



Além de negar à população o contato com os rios, a cidade esconde a poluição que os atinge, consolidando-os como verdadeiros canais de esgoto sem tratamento. É um processo consequente da falta de planejamento urbano de longo prazo, da implementação de políticas imediatistas e eleitoreiras, e da desinformação e descaso da própria população local.

Com a crescente ocupação de suas margens, poluição das suas águas devido à precariedade do saneamento básico, e a supressão de sua mata ciliar, os rios perderam importância no contexto das cidades contemporâneas e passaram a ser vistos como empecilhos ao desenvolvimento urbano;

barreiras a serem transpostas em prol do crescimento das urbes. É cada vez mais raro encontrarmos um rio que não tenha sido tamponado, canalizado, ou espremido entre ruas ou fundos de edifícios.

O processo de degradação que foi imposto aos rios, ao longo do tempo, contribuiu para a consolidação de uma imagem negativa na percepção popular. A poluição, o assoreamento e o estrangulamento dos rios os diminui à condição de córregos, e, posteriormente, esgotos a céu aberto. A população local sofre com o mau cheiro e as doenças provenientes de suas águas sujas, potencializando sua imagem negativa no imaginário popular. O sentimento de rejeição dos moradores, associado à carência de espaços públicos de lazer, é o que acaba por validar as obras de tamponamento e morte dos rios, que se proliferam cada vez mais pela cidade.

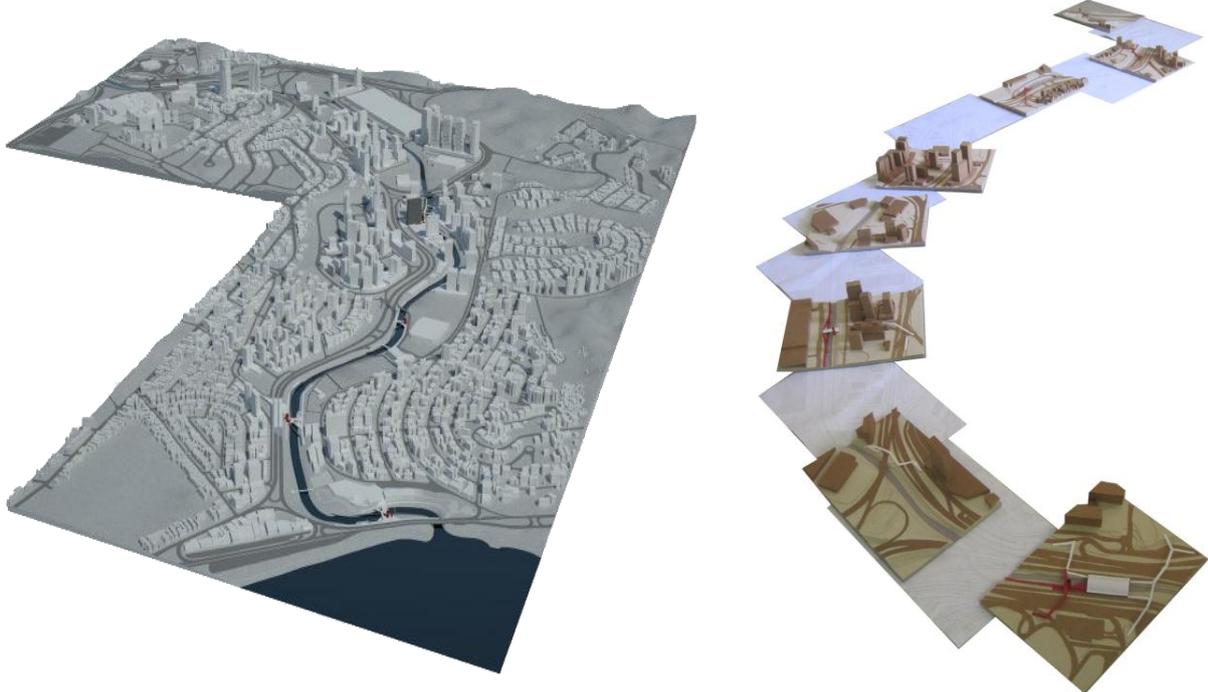
É por trás do discurso de agir pelo desejo do povo que os gestores públicos se defendem das críticas feitas aos projetos executados. Ironicamente, a população que reclama do atual estado de degradação dos sistemas fluviais ignora o fato de que ela mesma tem grande parcela de culpa no ocorrido. E não é somente o esgotamento sanitário das casas, ligadas diretamente na rede de drenagem, que causa a poluição de suas águas. O lixo deixado nas ruas, quando não jogado diretamente no rio, chega até ele trazido pelas chuvas, causando seu assoreamento e consequentes enchentes. Então, buscando uma solução imediatista e a garantia de votos através de políticas populistas, obras são feitas às pressas, priorizando baixo custo de execução em detrimento da qualidade projetual, sem a devida reflexão crítica e analítica sobre seu impacto no cotidiano urbano e sem respeito às particularidades arquitetônicas e paisagísticas de seus sítios.

Do desejo de fomentar a discussão sobre os rios e canais da cidade de Salvador, surge o tema deste Trabalho Final de Graduação, objetivando, através de um projeto de arquitetura, levantar possibilidades de integração entre os cidadãos e os rios urbanos, restabelecendo um laço histórico que foi quase perdido com a superposição do meio urbano sobre o natural. O projeto intenta mostrar que essa conexão é possível por meio da criação de cenários e ambientações que são diretamente ligadas ao pressuposto de despoluição e recuperação dos sistemas fluviais da cidade.

O grande problema encontrado durante o processo projetual foi adotar uma forma de intervir no percurso em totalidade, adaptando-se à heterogeneidade do trajeto, mas mantendo uma linguagem arquitetônica que reforçasse a unidade do projeto. Marcar verticalmente o caminho percorrido pelo rio era uma premissa fundamental para integração deste na paisagem urbana, já que ele se localiza numa cota inferior e precisa que seu traçado seja entendido pelos cidadãos, passando a fazer parte da rotina visual. A fim de melhor entender a morfologia da região, foi elaborada uma maquete virtual (Figura 2) do percurso desde o Acesso Norte até à Orla Atlântica, trecho escolhido para o

desenvolvimento do projeto. Aliada às visitas para entendimento e registro fotográfico do local, a maquete foi fundamental na identificação de zonas com maior potencial de estruturação do entorno imediato através da inserção de equipamentos de permanência, pontes e mirantes. A partir desses estudos, foram escolhidos oito pontos de intervenção e elaboradas maquetes físicas na escala de 1:1000 (Figura 2) dessas áreas que serviriam como base para os estudos de implantação e volumetria.

Figura 2: Maquete virtual de toda a área (esquerda) e maquete física dos pontos de intervenção (direita)



A escolha por agrupar os equipamentos em pontos específicos intenta evitar a disposição aleatória destes ao longo do percurso, criando assim espaços públicos que se relacionem melhor com as demandas do entorno ao invés de áreas de lazer genéricas como se faz comumente na cidade.

Os elementos projetados como marcos na paisagem são os mirantes (Figura 3), edifícios cilíndricos em concreto, associados às pontes de travessia entre margens. A cor vermelha desempenha o papel de reforçar o contraste com a paisagem, possibilitando a sua visualização e identificação ao longe, caracterizando o marco como um elemento de interferência na paisagem, além de fazer alusão aos camarás, plantas arbustivas que deram nome ao rio no seu tempo de abundância no local. O cilindro em si serve como conexão vertical, com um elevador central e escadas helicoidais internas. Seu conjunto desenha o percurso feito pelo rio dentro do traçado urbano, trazendo unidade arquitetônica ao projeto do parque.

Os mirantes possuem também fenestração que possibilitam a visualização de um ponto através do outro, reforçando o trajeto e criando uma melhor conexão visual entre o rio e a cidade. Os pontos

têm programas agregados, como bicicletário, aluguel de bicicletas, sanitários, café/bar e outros, que variam de acordo com a necessidade do entorno e se dispõem em “cascas” anexas ao cilindro, com dimensões adaptadas a necessidade do programa em si.

Figura 3: Corte mostrando mirante em um dos pontos de intervenção



O trabalho visa reinserir o rio à dinâmica do meio urbano, promovendo uma integração entre o natural e o construído e a reconciliação desse espaço que durante muito tempo foi negligenciado pela cidade. Tem como principal objetivo a criação de um espaço público fortemente identificado e adaptado à morfologia do rio, promovendo a possibilidade de aproximação e contato da população com o seu leito, além de um percurso longitudinal e transversal que comunique as diferentes zonas atravessadas por ele. Transforma o que hoje é um vazio urbano, numa área de lazer e conexão dentro da cidade, que privilegie o pedestre e o ciclista e facilite a locomoção dentro de uma zona de grande caos viário, além de fomentar a discussão sobre a gestão dos rios urbanos com a utilização de exemplos de sucesso no contexto global e nacional, e elaboração de cenários possíveis a partir de um exemplo de um rio familiar a população local.

O projeto ressalta o papel do arquiteto em vislumbrar e criar cenários possíveis de convivência com o meio natural, mas enfatiza a necessidade de se trabalhar de forma multidisciplinar para se alcançar os objetivos. Somente com a interação de profissionais de diversas áreas de conhecimento, conscientização e participação popular, o projeto proposto poderia avançar seu desenvolvimento a ponto de poder ser implementado. Esses planos amplos de ação com envolvimento de vários setores da sociedade são o que garantem a continuidade das obras, mesmo após mudanças de gestão política. A conscientização da importância de revitalização desses espaços dentro da cidade gera a pressão necessária sobre os órgãos públicos para que esse tipo de projeto saia do papel. É preciso

que se deixe de pensar nos nossos rios e córregos como esgotos, que se lembre da importância que um dia eles tiveram para a cidade e que se vislumbre os potenciais que esses espaços têm para melhorar a qualidade de vida da nossa sociedade atual.

Figura 4: Imagem do projeto mostrando as relações de fluxo do e a utilização das águas do rio.



### 3 PARQUE LINEAR DA BAÍA DE TODOS OS SANTOS

O projeto deste Parque Linear se desenvolve às margens da Baía de Todos os Santos ao longo dos pouco mais de dois quilômetros que separam o Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM) - um dos principais equipamentos culturais do Estado, concebido e projetado por Lina Bo Bardi - e a Vila Brandão - uma ocupação que sobrevive há décadas em um dos bairros mais valorizados da cidade.

Monumentos populares, como o MAM, ou quase desconhecidos dos soteropolitanos, como o Forte de São Paulo da Gamboa – construção do século XVII tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) – são integrados neste percurso, ao mesmo tempo em que ele contribui para facilitar o acesso a comunidades como as da Gamboa de Baixo e do Unhão. Os píeres privativos das torres do Corredor da Vitória são incorporados ao projeto e tornados espaços públicos, quando não são demolidos. Teleféricos e planos inclinados são criados para conectar o Parque Linear da Baía de Todos os Santos e seus equipamentos a espaços de grande vitalidade, como o Campo Grande e o Largo da Vitória, nas duas extremidades do Corredor da Vitória.

Desdobrando-se em planos, rampas e escadas, o Parque Linear de pouco mais de dois quilômetros proporciona ritmos paralelos e complementares, que vencem desníveis e oferecem tempos com diferentes velocidades de deslocamento – mas com recorrente contato com as águas do mar da Baía.

Um dos lugares mais belos de Salvador é a Baía de Todos os Santos. No seu trecho mais próximo ao centro da cidade, entre os bairros dos Aflitos e da Barra (Figura 6), além do mar de águas calmas, da escarpa da falha geológica coberta por generosa vegetação e do horizonte com vista para a Ilha de Itaparica, existe, muitos metros acima, uma vitalidade urbana aliando bens de interesse arquitetônico, histórico e artístico, com concentração de importantes e movimentados equipamentos culturais. São teatros, museus, cinemas, escolas de idiomas, centros culturais, sítios e monumentos tombados pelo IPHAN e pelo IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia).

Figura 6: A Baía de Todos os Santos no trecho destacado: Aflitos, Gamboa, Campo Grande, Vitória e Barra



Desfavorecendo o pedestre, a única ligação entre todos os equipamentos e locais de interesse supracitados é a Avenida Sete de Setembro, conjugada à Avenida Lafayette Coutinho - conhecida como Av. Contorno -, fazendo das distâncias e do tempo de deslocamento medidas estabelecidas e equacionadas pelo carro e pelos engarrafamentos. A prevalência dos automóveis e das vias de alta e média velocidade; a falta de calçadas adequadas e a falta de sombreamento – exceção feita ao trecho do Corredor da Vitória - aliam-se ao difícil acesso ao trecho da Baía de Todos os Santos em que a falha geológica não possui faixa de terra equivalente à Cidade Baixa. Esta escarpa que separa a Cidade Alta do mar é, além de um obstáculo físico à conjugação de tempos, ritmos e escalas, um elemento determinante na configuração da paisagem, que contribui para torná-la particular. É aí também que as barreiras físicas e visuais impedem o democrático usufruto do mar.

Assim, ver a Baía só é possível através dos poucos e estreitos intervalos entre os edifícios e nas duas ruas transversais ao Corredor da Vitória ou em trechos que não oferecem adequada condição de contemplação como na Avenida de Contorno, na Praça Mirante dos Aflitos e na Ladeira da Barra.

Em função da complexidade geomorfológica, maquetes físicas nas escalas 1:2.000 (Figura 7), 1:500 (Figura 8) e 1:200, foram essenciais no processo projetivo, auxiliando nos primeiros contatos com a região e na realização do projeto propriamente dito: como croquis tridimensionais, os protótipos experimentam as formas cabíveis ao contexto específico; o lugar determina a geometria do objeto.

Assim, surgiram os segmentos de reta que se relacionam ritmados pelas ondulações no sopé da escarpa. A reta, um elemento humano, racional, se fragmenta e se reorganiza em subordinação à música das curvas da natureza, numa melodiosa releitura.

Figura 7: Maquete de estudo na escala 1:2.000



Figura 8: Maquete de estudo na escala 1:500



Comportando-se de maneira a reproduzir o seu movimento, o Parque se desenvolve margeando a encosta. Compassado pelas variações das reentrâncias e saliências naturais, o caminho é compelido a criar sua própria musicalidade: ao longo dos seus pouco mais de dois quilômetros, o desdobramento em planos, rampas e escadas, proporcionam ritmos paralelos e complementares, que vencem desníveis e oferecem tempos com diferentes velocidades de deslocamento e recorrente contato com a água para usuários de distintas faixas etárias.

Dialogando com o natural, esses elementos articuladores dinamizam o espaço, permitindo sua livre e espontânea apreensão. Dando as premissas do deslocamento, convida-nos a participar, a sentir e a ouvir o sussurro do mar. Longe do barulho da rua, o lazer contemplativo que pode decidir pelo sol ou pela sombra, pela realização de atividade alguma física, pela leitura ou pela apreciação da paisagem.

O contexto em que o Parque se insere possui edifícios de diferentes épocas e tipologias. Em razão disso, a relação Parque-cidade se dá em função das especificidades de cada trecho.

O Solar do Unhão - conjunto colonial tombado pelo IPHAN em 1943 - abriga, atualmente, um dos museus mais visitados da cidade apesar das dificuldades de acesso. O Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM), é a primeira edificação fisicamente conectada ao percurso, interferindo diretamente no Parque e determinando o uso do seu primeiro trecho como Praia das Esculturas: área expositiva que se estende direção sul e alcança as comunidades do Unhão e da Gamboa.

Na sequência, erguida no século XVII para completar o sistema de defesa do Forte de São Pedro (OLIVEIRA, 2004), a Bateria de São Paulo da Gamboa, de notável inserção paisagística (BAHIA, 1984), encontra-se abandonada, invadida e precariamente transformada em habitação há mais de 40 anos.

Inevitavelmente situada no caminho do Parque, é incorporada como posto avançado do MAM, local para exposições e oficinas.

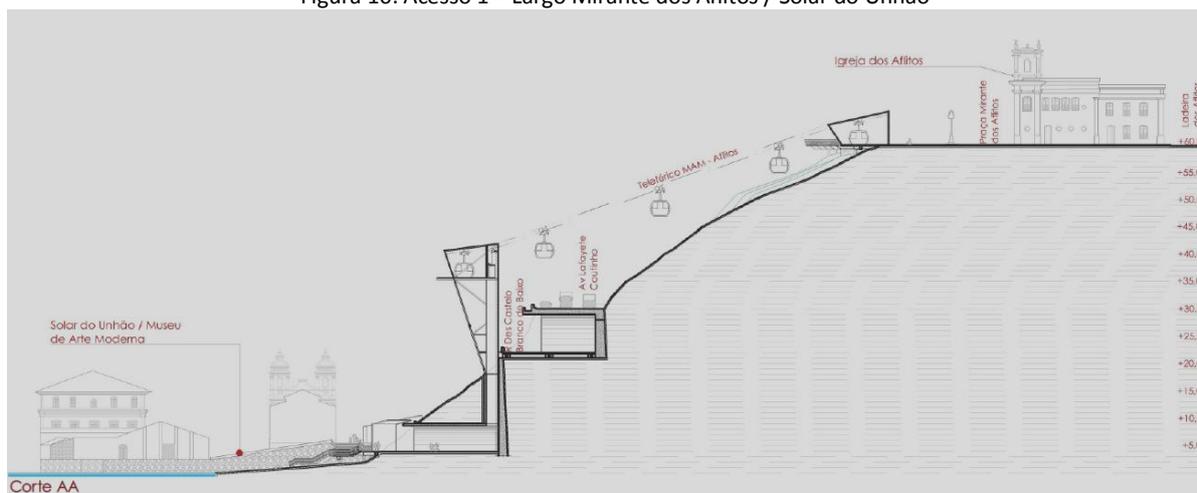
Com as comunidades do Unhão, da Gamboa e a Vila Brandão, ocupações consolidadas, o Parque busca reforçar as relações destas com o mar, oferecendo calçadas, escadas e rampas para facilitar o passeio e o banho. Os píeres privados construídos pelos edifícios do Campo Grande e Corredor da Vitória foram em parte desapropriados e incorporados ao Parque e em parte demolidos.

Cinco acessos (Figura 4) foram pensados para vencer a considerável extensão e a situação rebaixada em cerca de sessenta abaixo da cumeada da Vitória, sendo quatro com uso de ascensores. Posicionadas próximas a equipamentos de interesse, essas “portas” também propiciariam diferentes perspectivas visuais, fazendo-se sentir a gradual mudança de escala e tempo em direção à Baía.

Figura 9: Planta geral do Parque, com sinalização dos acessos



Figura 10: Acesso 1 – Largo Mirante dos Aflitos / Solar do Unhão



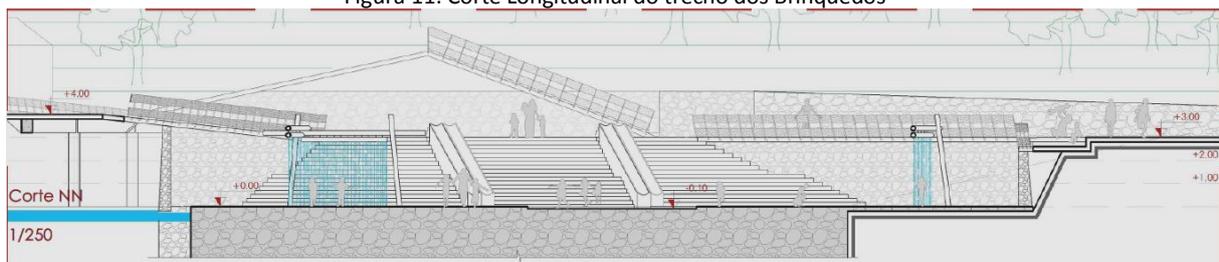
Para dinamizar o percurso e atrair públicos diversos, alguns equipamentos e serviços são estabelecidos em sua extensão, facilitando a orientação e localização do usuário, através da diferenciação dos dez trechos. Partindo do primeiro acesso, os trechos um e dois tem imediata

associação com o MAM, sendo o primeiro a Praia das Esculturas - lugar para exposição de acervo do museu - e calçada à beira mar junto à comunidade do Unhão; o segundo é o posto avançado do museu na Bateria de São Paulo da Gamboa; o terceiro trecho, a Calçada da Gamboa de Baixo, incorpora um pequeno cais, uma área para diversão infantil e espreguiçadeiras para relaxamento ou banho de sol.

Logo após o acesso pelo Campo Grande, o trecho dos Brinquedos (Figura 11) dá lugar à recreação infantil com cascatas, pequenos trampolins e escorregadeiras. Duzentos metros depois está o Anfiteatro (Figura 12): escadaria/arquibancada para acesso ao mar e banho de sol, onde se pode assistir ao pôr do Sol e apresentações em palcos flutuantes. Mais adiante chega-se às Piscinas, cujas implantações garantem que fiquem cheias durante a maior parte do dia, trocando a sua água quando do aumento do nível da maré. Fraldário, vestiários e armários dão apoio às aulas de natação ali desenvolvidas, mas seu uso também é franqueado aos frequentadores do Parque.

Antes do plano inclinado da Rua Dr. Aloísio de Carvalho, os Trampolins afastam das pedras submersas aqueles que apreciam saltar para a água. A Esplanada, cem metros adiante da quarta “porta” - área gramada com construção irregular anexa que é transformada em restaurante - é um lugar onde se pode praticar esportes e relaxamento; a área verde pode abrigar piqueniques, festas e cerimônias eventuais. Da Esplanada, tem-se a vista para o Ancoradouro à frente, com capacidade para 30 barcos.

Figura 11: Corte Longitudinal do trecho dos Brinquedos

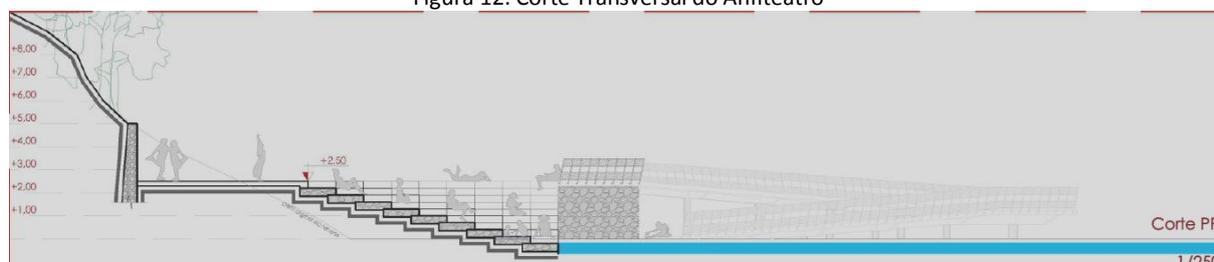


Finalizando o Parque, a Praça faz o arremate do percurso na encosta: abrigando pequenos restaurantes, cafés e oficinas de leitura, o espaço se conforma num grotão de cinco níveis em que o construído se encaixa, integra e complementa a tectônica original.

Costurando os setores, outros dez elementos originados dos “desdobramentos” do percurso distribuem e oferecem serviços complementares. Formas convidativas estimulam o lazer e a descoberta; a relação espaço x corpo, a apreensão sinestésica e cinestésica do lugar, permitindo diversas maneiras de fruição do espaço. Elevações do piso tornam-se abrigo para sanitários,

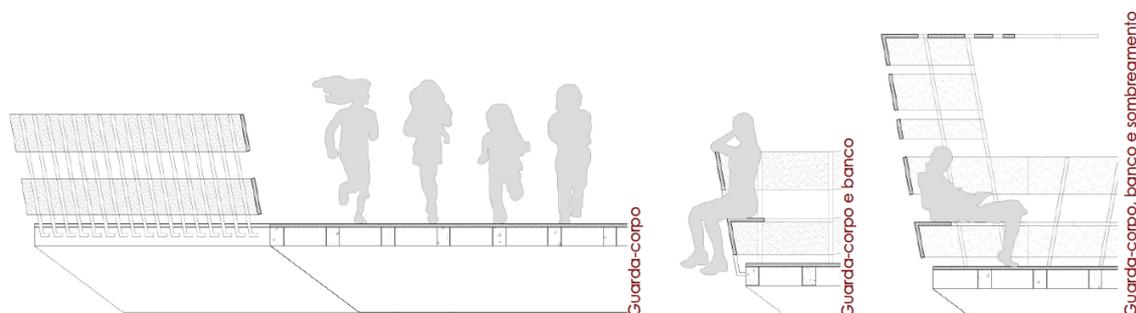
quiosques e lanchonetes, guarda-volumes, primeiros socorros, posto policial, loja de equipamentos para esportes aquáticos e informação turística, sempre com chuveiros nas proximidades.

Figura 12: Corte Transversal do Anfiteatro



Situado numa das paisagens mais belas de Salvador, o Parque é um espaço para contemplação. Dessa forma, repetidas vezes ao longo do percurso, seu guarda-corpo ganha um assento e convida o passante a se sentar para apreciar a vista; para proteção do poente, o mesmo elemento guarda-corpo-banco ganha segundo braço, que fará o seu sombreamento (Figura 13). Passagem e permanência, frequentadores do parque compartilham um espaço de livre participação e fluida interação.

Figura 13: O guarda-corpo e as suas duas outras variações: banco e sombreamento



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois TFGs aqui apresentados compartilham de um mesmo mote: o resgate para a população de bordas aquáticas inacessíveis e/ou degradadas, através da recuperação ambiental e da criação de parques lineares. Entretanto, se diferenciam pelas abordagens metodológicas distintas. No projeto do Parque do Camaragibe, a estratégia de intervenção adotada consiste na marcação vertical do percurso do rio, localizado em uma cota inferior à da cidade, de modo a integrá-lo na paisagem urbana e a assinalar os pontos de acesso e serviços. Já o Parque Linear da Baía de Todos os Santos se desenvolve margeando a encosta da Vitória e, de certo modo, reproduz o seu movimento, compassado pelas variações das reentrâncias e saliências naturais.

Estes dois trabalhos põem em discussão as políticas de intervenção urbana e a apropriação indevida dos espaços públicos e dos recursos naturais pelo poder público e por particulares na capital baiana. O exercício de projeto sobre situações que foram consolidadas de maneira equivocada discute as possibilidades de sua reversibilidade, exibindo caminhos alternativos a serem adotados em intervenções futuras e alertando sobre o anacronismo de tais ações frente às soluções adotadas em diversos países no sentido de qualificar o ambiente urbano, recuperando o convívio entre os seus habitantes nos espaços livres das cidades.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao professor Nivaldo Andrade pela orientação no TFG e incentivo na produção deste artigo; aos professores Pedro Ornelas (Escola Politécnica da UFBA) e Felipe Tavares (Faculdade de Arquitetura da UFBA), respectivamente, pelas orientações em engenharia mecânica e de estruturas; ao engenheiro naval Aleixo Belov e ao engenheiro eletricitista Luís Arthur Pinho da Rocha pelas consultorias prestadas.

## REFERÊNCIAS

- AMADO, J. Jorge Amado e o Pelourinho. *Revista Projeto*, São Paulo, nº 149, p. 46, jan.-fev. 1992.
- BAHIA. Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo. IPAC -BA - Inventário de proteção do acervo cultural; monumentos do município de Salvador, 2ª edição. Salvador, 1984.
- BARDI, Lina Bo; FERRAZ, Marcelo Carvalho (coord.). *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1996.
- FREIRE, Raquel Neimann da Cunha. *Do MAM à Vila Brandão: Caminhando pela Baía de Todos os Santos*. 2013. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). UFBA, Salvador-BA.
- GORSKI, M. C. B. *Rios e cidades: ruptura e reconciliação*. São Paulo: Editora Senac, 2010.
- MOTTA, Augusto Carvalho Simões de Oliveira. *Reintegração de rio urbano: Parque Linear do Camaragibe*. 2013. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). UFBA, Salvador-BA.
- NOLL, J. F.. *Entre o líquido e o sólido: Paisagens arquitetônicas nos limites e bordas fluviais*. Blumenau: Edifurb, 2010.
- OLIVEIRA, Mário Mendonça de. *As fortificações portuguesas de Salvador quando Cabeça do Brasil*. Salvador: Omar G., 2004.
- PORATH, Soraia Loechelt. *A paisagem de rios urbanos : a presença do Rio Itajaí-Açu na cidade de Blumenau / Soraia Loechelt Porath*. - 2004.
- SANTOS, Elisabete et. al. (Org.). *O Caminho das águas em Salvador: bacias hidrográficas, bairros e fontes*. Salvador, BA: UFBA, Escola de Administração, CIAGS, 2010.
- SIZA VIEIRA, Álvaro. *Piscina na praia de Leça de Palmeira*. Lisboa: Editora Blau, 2004.